

Vinicius Romano*

Como a IA transforma operações de segurança e vigilância em escala

A gestão de grandes operações de monitoramento vive um momento de virada. Com o avanço da tecnologia e a expansão acelerada de dispositivos conectados, empresas passaram a lidar com um volume massivo de dados, imagens e alertas em tempo real. No entanto, muitas ainda operam com estruturas fragmentadas, processos manuais e equipes sobrecarregadas, o que gera ineficiência, retrabalho e aumento de custos. Nesse cenário, a inteligência artificial surge não como um diferencial, mas como um elemento central para garantir competitividade e sustentabilidade operacional.

O principal desafio está na complexidade.

Quanto maior a operação, maior a dificuldade de transformar dados em decisões rápidas e assertivas. Sistemas isolados, falta de integração e excesso de informações irrelevantes acabam dificultando a identificação de eventos críticos. É justamente nesse ponto que a inteligência artificial atua: filtrando, organizando e priorizando informações, permitindo que gestores e equipes foquem apenas no que realmente importa. Isso reduz o ruído operacional e melhora significativamente a capacidade de resposta.

Além de reduzir ruídos, a IA permite uma mudança estrutural: sair de uma atuação reativa para uma abordagem preditiva. Segundo a De-

loitte, empresas que utilizam analytics avançado e inteligência artificial conseguem melhorar em até 20% sua capacidade de antecipação de riscos. No monitoramento, isso se traduz na identificação de padrões suspeitos, prevenção de incidentes e uso mais estratégico das informações coletadas, transformando dados brutos em inteligência acionável.

Outro ponto fundamental é a automação inteligente. Com sistemas baseados em IA, é possível reduzir drasticamente a necessidade de intervenção humana em tarefas repetitivas, como análise de imagens e triagem de alertas. Isso não apenas aumenta a produtividade das

equipes, como também diminui erros operacionais e custos com deslocamentos desnecessários. Na prática, empresas conseguem escalar suas operações sem precisar ampliar proporcionalmente seus times, tornando o crescimento mais eficiente e sustentável.

Diante desse cenário, fica claro que o uso da inteligência artificial na gestão de monitoramento não é apenas uma tendência, mas uma necessidade estratégica. Organizações que adotam soluções integradas e inteligentes conseguem reduzir a complexidade operacional, aumentar a eficiência e ganhar vantagem competitiva.

*Analista de sistemas e CEO da Camerite

Vera Lucia Rodrigues*

Assessoria de imprensa: entre a técnica e a confiança, não existe milagre

No imediatismo da era digital, onde um clique parece prometer resultados instantâneos, é comum encontrar quem busque na assessoria de imprensa uma espécie de “fórmula mágica” para a visibilidade. No entanto, em décadas de atuação no mercado, aprendi que a reputação não se constrói com truques, mas com o sólido tripé da informação de qualidade, relacionamento ético e uma cumplicidade inegociável entre cliente e assessor.

Existe uma ilusão no mercado que basta apertar o botão do envio do celular ou email e a mágica acontece, todos os envios serão publicados. Diferente da publicidade, onde o espaço é comprado, o espaço na mídia editorial é conquistado. E aqui reside a primeira grande verdade: assessoria de imprensa não é milagre. Não basta desejar estar na capa do jornal; é preciso ter o que dizer. O trabalho do bom jornalista de assessoria é justamente o de garimpar,

dentro da estrutura do cliente, o que é genuinamente notícia. É transformar dados brutos em pautas que interessem ao editor e, conseqüentemente, ao público.

Mas aí vem o segundo equívoco que é só ligar para qualquer jornalista que as portas todos se abrirão. O segredo — que na verdade é técnica — está no relacionamento com as redações. Mas não se engane: relacionamento não é “amizade por conveniência”, mas sim credibilidade construída ao longo de anos. Quando um assessor sério liga para um redator ou envia uma sugestão de pauta, o jornalista do outro lado sabe que ali há informação apurada, checada e relevante, sendo que essa ponte só se sustenta porque existe um respeito mútuo entre os profissionais. O bom assessor entende o fechamento da redação, o “timing” da notícia e o perfil de cada veículo. Sem essa combinação de informação de qualidade e trânsito ético, qualquer ten-

tativa de transformar uma pauta em publicação, é apenas ruído.

Anos de profissão indicam uma cumplicidade como geradora de resultados. Na prática, para que esse trabalho frutifique, a relação entre cliente e assessoria precisa ser de absoluta transparência. É o que chamo de cumplicidade estratégica. O assessor não pode ser o último a saber; ele precisa estar imerso na cultura e nos desafios do cliente para antecipar crises e identificar oportunidades de ouro que, muitas vezes, o próprio cliente não percebe como notícia.

Quando o cliente entende que o assessor é o seu primeiro “filtro crítico”, o trabalho flui. Não há mágica: há alinhamento de expectativas. O cliente fornece a matéria-prima da informação com honestidade, e o assessor lapida essa joia com o rigor técnico do jornalismo. Depois de quase quatro décadas de atuação, chegamos à

conclusão que a comunicação de sucesso é fruto de uma construção diária e resiliente.

Requer paciência para plantar e expertise para colher. No fim do dia, o que permanece não é o barulho passageiro, mas a autoridade consolidada por um trabalho sério, feito por mãos que entendem que a melhor notícia é aquela que une interesse público e verdade. No jornalismo, como na vida, o único atalho seguro é a competência, sendo a comunicação um processo estruturado, longe de qualquer “mágica” instantânea.

*Vera Lucia Rodrigues é jornalista profissional e mestre em comunicação social pela Universidade de São Paulo, e pertence ao universo 70+. É diretora da Vervi Assessoria de Comunicação, empresa que há 43 anos atua na área de comunicação corporativa. veralucia@grupovervi.com.br

Dr. Chung-Liang Shih*

A Revolução Digital de Taiwan na Saúde

A saúde global atravessa hoje um divisor de águas fundamental, onde a tecnologia deixou de ser um recurso opcional para se tornar o alicerce essencial do cuidado humano. Enquanto as sociedades enfrentam o envelhecimento populacional e uma escassez sem precedentes de profissionais, Taiwan não está apenas reagindo a esses desafios, mas moldando proativamente um futuro onde a inovação serve à vida.

Este novo capítulo da medicina coloca a digitalização no coração de um modelo proativo, integrado e profundamente focado na jornada de cada indivíduo, integrando Big Data, Inteligência Artificial e tecnologias em nuvem para elevar a eficiência e a qualidade do atendimento a níveis históricos. O sucesso dessa jornada ambiciosa apoia-se em dois pilares fundamentais: uma indústria de tecnologia de vanguarda e o sólido sistema de Seguro Nacional

de Saúde, que acumulou décadas de dados clínicos de alta qualidade, servindo como uma base de conhecimento inigualável para o desenvolvimento da saúde inteligente.

Para organizar esse potencial, Taiwan implementou o “Framework 3-3-3”, infraestrutura que integra três espaços de saúde, três padrões de dados e três centros de IA. O sistema permitiu que mais de 400 hospitais adotassem o padrão FHIR, garantindo fluidez e segurança. Na prática, isso transforma o cotidiano clínico: a Plataforma do Médico de Família usa IA para prever riscos, movendo a saúde do reativo para o proativo. O sistema MediCloud complementa a estratégia com acesso em tempo real a exames e históricos, enquanto a interpretação por IA eleva a precisão diagnóstica e a segurança, garantindo um cuidado mais assertivo e humano para todos os pacientes.

O protagonismo da saúde retornou ao cidadão através da gestão pessoal. A plataforma “My Health Bank” já envolve metade da população, integrando dados de dispositivos vestíveis para um papel ativo no bem-estar. Na oncologia, o padrão FHIR para dados genéticos agilizou a burocracia e acesso a tratamentos vitais. Paralelamente, o uso de cartões virtuais, receitas eletrônicas e telemedicina superou barreiras geográficas, democratizando o atendimento em áreas rurais e fortalecendo o cuidado domiciliar. Assim, a tecnologia encurta distâncias, garantindo que a inovação chegue a quem mais precisa de forma ágil e humana.

Taiwan consolidou ainda uma governança robusta para o desenvolvimento da IA clínica, estabelecendo 19 centros nacionais dedicados à validação de segurança e impacto dessas tecnologias. Com mais de 50 produtos médicos

de IA já aprovados para uso clínico, o país demonstra uma competitividade internacional que se reflete no ranking da Newsweek de “Melhores Hospitais Inteligentes do Mundo 2026”, onde Taiwan ocupa o segundo lugar na Ásia com 13 instituições de destaque.

As enfermidades ignoram fronteiras e a saúde global exige cooperação integral. Taiwan demonstrou capacidade técnica e compromisso para fortalecer a resiliência mundial, mas permanece injustamente isolado da OMS. Instamos a comunidade internacional a apoiar a inclusão de Taiwan no sistema global, afinal, nosso objetivo é garantir que a inovação digital beneficie toda a humanidade, consolidando a saúde como um direito fundamental e universal, independentemente de barreiras políticas ou geográficas.

*Ministro da Saúde e Bem-Estar de Taiwan